

# 4ª SECCÃO DA BARRA: GÊNESE E EVOLUÇÃO DE UMA LOCALIDADE SITUADA AS MARGENS DO CANAL DE ACESSO AO PORTO DE RIO GRANDE/RS\*.

Gisele de Maria Santana \*\*

RESUMO: O tema apresentado neste trabalho objetiva o estudo e análise sobre a gênese da Quarta Secção da Barra no município do Rio Grande no sul do estado do Rio Grande do Sul. O estudo foi realizado através de um levantamento histórico da localidade desde a sua origem, no início do século XX até o final da primeira década do século XXI. O trabalho possui uma descrição da localização da área de estudo, de algumas construções que ocorreram em seu entorno e das condições de vida no local. Foi realizado também um histórico das instituições culturais, bem como os serviços urbanos fornecidos pelo poder público e por diversas empresas. Além de realizar uma descrição empírica e uma caracterização da área utilizando fotografias antigas e atuais, imagens de satélites, mapas e dados quantitativos buscou-se também identificar as relações de pertencimento e de identificação que os moradores da Barra possuem com o lugar. Na parte final do trabalho é realizada uma introdução sobre a pesca, sobre os pescadores da Barra e sua relação com o mar. Este trabalho teve como propósito, portanto identificar e expor fatores que influenciaram na vida econômica e social da localidade em questão e esperamos que ocorra a preservação de parte da história do município de Rio Grande.

PALAVRAS CHAVES: Formação Histórica; Quarta Secção da Barra em Rio Grande; Pesca; Pescadores.

## *QUARTA SECCÃO DA BARRA: THE GENESIS AND THE EVOLUTION OF A SUBURB LOCATED ON THE BANKS OF THE ACCESS CHANNEL TO THE PORT IN RIO GRANDE, RS*

ABSTRACT: This paper presents the study and the analysis of the genesis of *Quarta Secção da Barra* in Rio Grande city, located in the south of Rio Grande do Sul state. This study was based on historical records which described the origin of the city at the beginning of the 20th century and moved on to the end of the first decade in the 21st century. This paper characterizes the study area, some buildings in its surroundings and life conditions in the place. Cultural institutions and urban services provided by the government and by several companies were also described. Besides carrying out an empiric description and characterizing the area by old and updated photos, satellite images, maps and quantitative data, relations of belonging and identification among the *Barra* dwellers and the place were also identified. Finally, the fishery, the fishermen in *Barra* and their relation with the sea were included. Therefore, this study aimed at identifying and presenting factors which influenced the social and economic life in this place. We hope that part of the city's history can be preserved.

KEY WORDS: Historical Education; *Quarta Secção da Barra* in Rio Grande; Fishery; Fishermen.

### 1. INTRODUÇÃO

A Barra ou Barra Velha como é conhecida a área com ocupações mais antigas iniciou a sua formação populacional há aproximadamente 100 anos. A localidade está situada em uma área que mede 593.356 m<sup>2</sup> com perímetro de 6.209 m e que é considerada de expansão portuária e que por isso é de interesse econômico para o Porto

---

\* O artigo é parte da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia-Bacharelado na Universidade Federal do Rio Grande (FURG): "Gênese e evolução da localidade da Barra em Rio Grande/RS. 2009" apresentado em 2010 e orientado pelo Prof. Dr. César Augusto Ávila Martins.

\*\* Graduada em Geografia Bacharelado (FURG).

do Rio Grande e para o poder público em suas diferentes esferas, principalmente por causa da sua localização na desembocadura do estuário da Lagoa dos Patos.

A população possui uma relação intensa com o mar porque a pesca ainda é uma importante fonte de renda para a população local, mesmo não sendo mais formada apenas por pescadores e suas famílias, porém ainda é conhecida popularmente com uma comunidade de pescadores.

Atualmente possui uma população de aproximadamente 3000 mil pessoas, com um baixo grau de escolaridade, de diversas profissões e que estão distribuídas em quase 1000 residências.

Do ponto de vista teórico adotou-se o conceito de lugar da Geografia para expressar também o sentido de localidade. Adotou-se esse conceito de lugar porque induz a análise geográfica a uma dimensão que é a da existência, “pois refere-se a um tratamento geográfico do mundo vivido” (SANTOS, 1997). Como a localidade era de era de difícil acesso até a construção do Distrito Industrial de Rio Grande e da rodovia na década de 70. O isolamento pode ter contribuído para as fortes raízes que ligam os habitantes ao lugar.

## **2. LOCALIZAÇÃO DA BARRA E NOTAS SOBRE A SUA FORMAÇÃO**

A área que compreende esta localidade está situada no extremo sul do município de Rio Grande no Rio Grande do Sul. A Barra está localizada a uma distância de aproximadamente 14 km do centro da cidade do Rio Grande com acesso rodoviário pela BR-392, nomeada como Av. Almirante Maximiano da Fonseca e conhecida popularmente como Estrada da Barra. A área está delimitada a norte pelo Depósito Naval de Rio Grande, a oeste pela Avenida Almirante Maximiano da Fonseca, a leste pelo canal de acesso a Lagoa dos Patos e ao sul por uma área com vegetação nativa com influência marinha<sup>1</sup>. A figura 1 foi construída para representar a localização da 4ª Secção da Barra.

---

<sup>1</sup> Áreas de marisma são áreas úmidas frequentemente inundadas, caracterizadas por vegetação herbácea emergente adaptada às condições saturadas do solo. As marismas são encontradas no mundo todo em regiões costeiras protegidas nas médias e altas latitudes, sendo substituídos por manguezais nas costas tropicais e sub-tropicais. As plantas e animais desses sistemas são adaptados a estresses de salinidade, inundação periódica e extremos de temperatura.



Figura 1: Mapa de localização área de estudo- 4º Seção da Barra - Rio Grande/RS. Fonte: autora em novembro de 2008.

A Barra esta localizada hoje sobre uma área que no passado era uma estreita faixa de terra recoberta por areias finas que foi ao longo do tempo sofrendo mudanças físicas, sociais e culturais. Um dos relatos mais antigos sobre o local em que hoje esta situada a 4ª seção da Barra é encontrado em Saint-Hillaire (1974) e esta transcrito a seguir.

*“O grande canal, Lagoa dos Patos, é geralmente tão raso como na sua entrada, e a fundura máxima atinge apenas 10 metros. Ao redor da sua extremidade sul o terreno pouco se eleva acima do nível do mar e é quase que exclusivamente constituído por areia movediça” (p.10).*

A área da localidade pertencia a *Compagnie Française des Ouvres du Port de Rio Grande do Sul* e depois da encampação em 1918 pela União Federal passou a pertencer ao governo estadual a partir de 1919. A partir de 1951 sob a responsabilidade do governo estadual a área foi administrada pelo Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais (DEPREC) e desde 1996 é administrada pela Superintendência do Porto do Rio Grande (SUPRG).

[Digite texto]

Os registros indicam que as primeiras casas foram construídas entre os anos de 1906 e 1911 para abrigar os funcionários envolvidos na obra de construção dos Molhes da Barra, visto que muitos eram técnicos e profissionais diversos vindos de outros países, principalmente da França. Essas instalações eram utilizadas também para a prestação de serviços diretamente ligados a obra, como unidade de saúde e setor de monitoramento meteorológico (fig. 2).

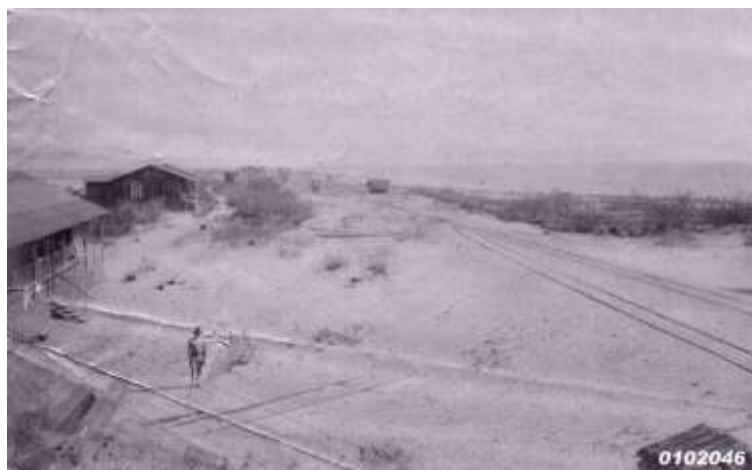


Figura 2: Foto das primeiras casas construídas pelo Porto na Barra. (Autor e data desconhecidos) Imagem fornecida por Rossana Telles.

É possível ver, ainda hoje no local, algumas dessas primeiras construções que atualmente são habitadas por descendentes de operários do DEPREC, porém elas estão bastante danificadas (fig. 3). A maioria dos atuais moradores dessas antigas residências desconhece a importância dessas moradias para a história da Barra e do município.



Figura 3: Fotografia de uma das primeiras casas construídas na Barra em péssimas condições. Fonte: autora em 15/10/2009.

Conforme relato de antigos moradores, com o término da obra de construção dos molhes, alguns trabalhadores optaram por continuar morando no lugar, pois acreditavam que nele as condições de vida eram melhores do que no seu local de origem. Durante muito tempo a população da localidade era formada por trabalhadores do porto e por pescadores (LA ROCHA, 23/24-Jan-1999, p.1). Até meados do século XX moravam no lugar apenas alguns desses primeiros habitantes e seus descendentes que eram funcionários do DEPREC e pescadores com suas famílias.

Uma imagem panorâmica da 4ª Secção da Barra em meados da década de 50 pode ser observada na figura 4. É possível observar a presença de uma igreja, da escola, de algumas construções que pertenciam ao DEPREC e algumas poucas casas distribuídas em terrenos amplos. Na imagem também podemos destaca os campos de pastagem que existiam na localidade.



Figura 4: Imagem aérea da Barra em meados da década de 50.

Fonte: Museu do DEPREC adaptado pela autora.

O lugar era ideal para quem vivia da pesca artesanal, pois segundo relato de antigos residentes, o pescado além de ser muito abundante era facilmente capturado na beira da praia. Os depoimentos também indicam que havia o cultivo de hortaliças para o consumo próprio e a criação de porcos, de galinhas e também de vacas. Mas as dificuldades eram muito grandes por se tratar de um lugar que era completamente isolado, sem nenhuma infra-estrutura, arenoso, com algumas áreas alagadiças e sujeito aos constantes ventos do litoral gaúcho. Apesar das dificuldades existentes houve uma persistência por parte dos primeiros habitantes que permaneceram afastados do restante

[Digite texto]

da área central do município. O isolamento pode ter contribuído para as fortes raízes que ligam os moradores a esse local.

Até a década de setenta, ou melhor, antes da construção da rodovia, o acesso até o centro da cidade era difícil. As únicas maneiras de se chegar à localidade eram através de uma estrada de ferro, de um caminho não pavimentado que havia paralelo a ferrovia. Esse acesso iniciava-se nos molhes, passava pela atual Rua Principal na Barra e margeava o canal até a ponte dos Franceses, nas proximidades do Saco da Mangueira. Outro acesso era por uma estrada vicinal que possibilitava a passagem para aqueles que possuíam um automóvel ou uma carroça, esse caminho ocorria pela atual RS 734 (estrada Rio Grande – Cassino) até o corredor do Bolacha (fig. 5).

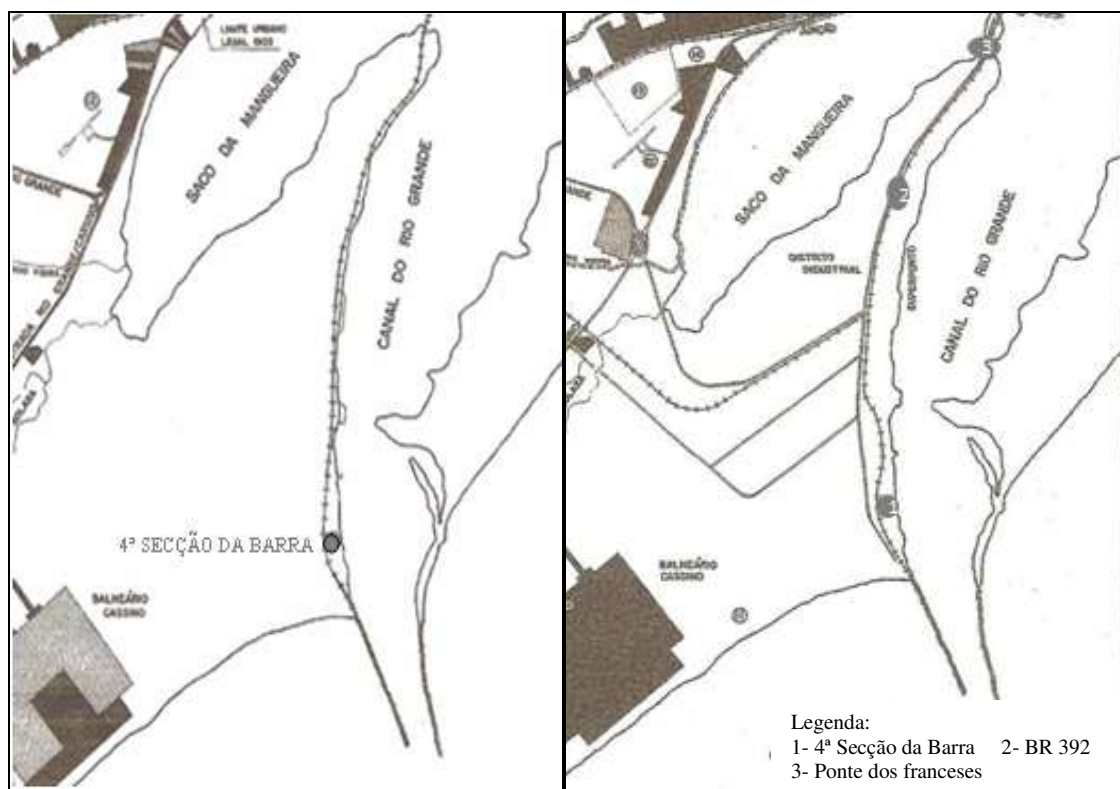


Figura 5: Esta figura é composta por dois mapas o primeiro é utilizado para demonstrar a linha férrea existente até a década de 60 o outro é posterior a década de 70 e demonstra os novos acessos depois da construção da BR 392.

Fonte: Salvatori, et al, 1989, p.39 e 40. Adaptado pela autora

A linha férrea era utilizada pelo DEPREC para o transporte de carga e como condução pelos moradores da Barra, uma vez que este órgão possuía um trem com dois vagões para passageiros. O trem, ou maquinazinha como era chamado pelos moradores, possuía três horários ao longo do dia e era gratuito. Seus deslocamentos também eram feitos conforme a necessidade do DEPREC e suas últimas paradas na direção Barra-

[Digite texto]

Centro eram nas chamadas “casas pretas” situadas no bairro Santa Tereza ou na Rua Vinte e Quatro do Maio nas proximidades da atual Rua Val Porto no limite entre o centro da cidade e o bairro Cidade Nova. Apesar dos moradores serem majoritariamente pescadores não utilizavam as embarcações para deslocamentos para outras áreas da cidade, sobretudo o centro.

Foi a partir da construção dos Molhes da Barra é que surgiram as primeiras construções na então Povoação da Barra. Porém os novos acessos posteriores à década de setenta é que contribuíram para algumas mudanças que ocorreram no entorno da localidade. Porque a 4ª Secção da Barra se manteve praticamente isolada até a construção de Distrito Industrial de Rio Grande (DIRG) na década de setenta, esse empreendimento econômico/portuário possibilitou que a Barra sofresse uma transformação econômica, social e cultural nos últimos trinta anos. Pois a localidade deixou de ser uma comunidade formada exclusivamente por pescadores, descendentes dos funcionários do DEPREC e suas famílias, transformando-se em uma localidade formada por trabalhadores de vários setores econômicos devido à facilidade no acesso com a construção da Rodovia.

A Indústria de Pescados Leal Santos que se mantém instalada e em atividade na 4ª Secção da Barra desde 1972, também influenciou na localidade. Desde o início de suas atividades essa indústria sempre empregou um número significativo de moradores da Barra por isso ela ainda representa uma importante possibilidade de emprego para esses habitantes, seja para os homens que trabalham nos barcos de pesca dessa indústria ou para as mulheres que trabalham como tarefeiras<sup>2</sup>.

Outros agentes que influenciaram ao longo da história foram às instalações dos Fuzileiros Navais de Rio Grande, instalada em 1983, e o Depósito Naval que foi ativado em 1996. Essa última instalação provocou a separação entre a atual Barra Nova e a Barra Velha, como é conhecida a área de ocupação mais antiga e a qual é o objeto de estudo desse trabalho. Alguns moradores acreditam que essas bases militares contribuíram para que a Barra se tornasse um local sem muita violência. Ao caminhar pelas ruas da localidade é possível observar que a maioria das residências não possui grades nas janelas e nas portas o que demonstra uma tranquilidade com relação a propriedade.

---

<sup>2</sup>Trabalhadora que realiza a separação do peixe na esteira e trabalha por produção, ou seja, pessoas que recebem por tarefa.

### **3. CARACTERIZAÇÃO DA BARRA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI**

Considerada como uma área de expansão portuária e administrada pela Superintendência do Porto de Rio Grande (SUPRG), a Barra é conhecida, popularmente, como uma localidade de pescadores. Apesar de administrativamente estar incorporada ao perímetro urbano não está inserida a trama da cidade porque ainda existem vazios entre as duas áreas que são os espaços pertencentes ao Distrito Industrial, a União e alguns proprietários particulares. A localidade da Barra possuía características intermediárias entre a cidade e a zona rural, por ter sido um núcleo pacato com pouca movimentação em suas ruelas, mas isso vem mudando devido ao aumento populacional dos últimos anos.

No início da sua ocupação o lugar possuía bancos de areia, banhados e pouca vegetação arbórea. Segundo alguns depoimentos de antigos residentes, na metade do século XX, a vegetação e as dunas predominavam na região. Hoje devido à ação antrópica e a expansão urbana existem apenas um pequeno conjunto de vegetação arbórea e herbácea e alguns poucos eucaliptos. As dunas, praticamente, desapareceram. No entorno da localidade é possível observar a presença de campos de pastagens e áreas que sofrem inundações. Os moradores antigos entrevistados mencionam a alteração dos cursos de água que desembocavam no canal que foram retificados e em algumas partes até aterrados permitindo o adensamento e o crescimento populacional. Porém o aterramento desses corpos hídricos somados a chuvas intensas provocam em épocas distintas o alagamento de algumas ruas. Embora a prefeitura municipal tenha feito, após reivindicações de moradores, melhorias como a construção de canaletes, na Rua Onze em 2004<sup>3</sup> e o da Rua Quinze em 2006, mas isso não foi o suficiente, pois os alagamentos ainda continuam nas outras ruas.

A imagem da figura 6 mostra o adensamento da localidade na área de ocupação mais antiga, ou seja, a leste da Rua Principal, restando apenas algumas áreas sem ocupação a oeste da referida rua que estão destinadas a moradores de outras áreas de expansão portuária que poderão ser removidos para essa localidade.

---

<sup>3</sup> Essa construção foi a primeira obra de saneamento básico em cem anos na Barra.



Figura 6: Imagem da 4ª Secção da Barra do Google earth de 31/Ago/2009. Acessada em 20/11/2009.

A 4ª secção da Barra possui uma rua como principal centro que é a Rua Principal onde se localizam as moradias mais antigas e onde desembocam sete ruas transversais sem pavimentação e bem definidas. Algumas ruas vão se descaracterizando e se caracterizando por becos na medida em que se aproximam da praia, onde as casas e os galpões foram construídos em cima de dunas que em meados da década de cinquenta chegavam a 1,5 metro. A praia é marcada por grande número de galpões, trapiches e barcos e como em outras localidades onde residem pescadores, há uma caracterização bem definida da área de trabalho e da área residencial (fig. 7).



Figura 7: Imagem das Indústrias de pescado, dos galpões, dos trapiches e dos barcos na Barra. É possível observar em destaque a torre em que estão presos os cabos que transmite energia elétrica para o município de São José do Norte. A construção na cor branca em destaque é a fábrica de gelo e de pescados Sidnei Pescados.

Fonte: autora em 15/11/2009

Por ser uma área de ocupação ilegal o local foi sendo construído ao longo de sua história sem a realização de um planejamento urbano pelo poder público. Isso se

[Digite texto]

comprova pela grande presença de ruelas e becos. O maior interesse dos habitantes está na busca constante da regularização dos terrenos, pois isso traria uma estabilidade com relação à permanência no local. Há informações não oficiais que indicam negociações entre as diferentes esferas administrativas do Estado brasileiro que haverá a regularização fundiária de toda a área.

Além dos problemas relacionados com regulamentação dos terrenos, a Barra possui problemas com relação ao melhoramento nas ruas, expansão da rede de drenagem para águas pluviais, melhoramento com relação à iluminação pública e a rede elétrica.

Segundo MARTINS (2008), a localidade em questão possui aproximadamente 3000 habitantes distribuídos em 1000 residências, que em geral não obedecem nenhum padrão e variam de acordo com as condições econômicas de cada família. Com relação ao material utilizado nas construções, antigamente as casas eram de madeira porque esse material poderia ser aproveitado caso ocorresse a remoção da localidade. Atualmente nas residências da Barra há uma predominância de moradias mistas (alvenaria e madeira) e de alvenaria (fig. 8). Esse tipo de moradia indica uma estabilidade em relação a permanência no local. Essa situação é diferente do que era encontrado até o final da década de noventa onde o medo por parte dos moradores de serem removidos era constante.



Figura 8: Fotografia das casas próxima a Rua da Praia tirada de cima da fábrica de gelo e pescados Sidnei Pescados no sentido canal da barra para a BR-392.  
Autor: João Dutra em 2006.

O número de moradias e por consequência de habitantes, principalmente, na área situada entre a Rodovia Maximiliano da Fonseca e a Rua Principal aumentou muito nos últimos anos porque a Rua Principal até 1996 servia como limite para a expansão no

[Digite texto]

sentido leste-oeste<sup>4</sup>. Após esse momento houve certo descaso por parte do órgão responsável pela área, que não se preocupou em fiscalizar e inibir as ocupações no local. Anteriormente a esse período as ocupações ocorreram, principalmente, na faixa mais próxima da água onde havia pouca fiscalização. A seguir a figura 9 é utilizada para demonstrando o aumento no número de moradias em diferentes épocas.

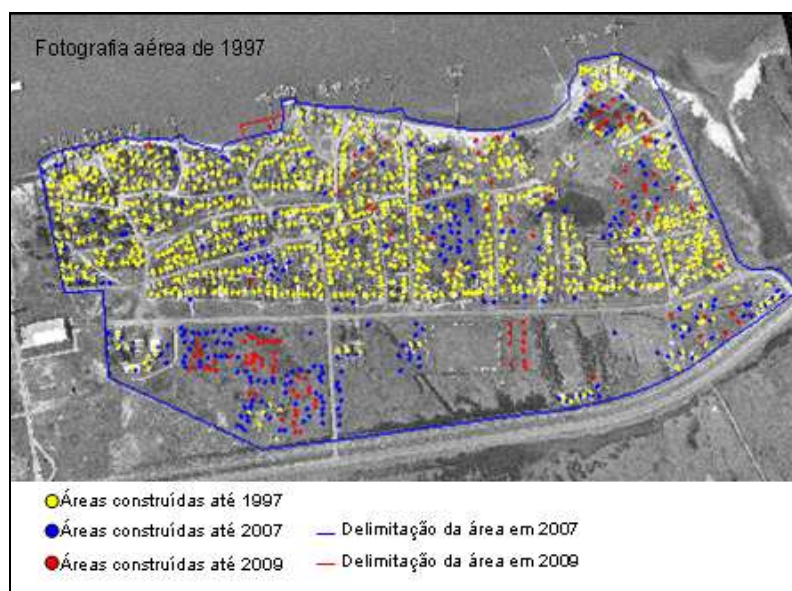


Figura 9: Mapeamento realizado sobre uma fotografia aérea de 1997 com uma sobreposição de pontos correspondentes às construções realizadas em diferentes anos.

Autor: Matheus Oliveira

Essa figura possibilita que seja comprovado a informação anterior, já que há um aumento significativo de construções após o ano de 1997 nas proximidades da Rua Principal e na área central da localidade. Somente na área situada entre a Rua Principal e a rodovia houve um acréscimo de mais de 200 construções, pois até o ano de 1997 havia aproximadamente 45 construções e em 2009 já havia na área cerca de 250. Além disso, do ano de 2007 até o de 2009 houve um acréscimo em uma parte da área localizada na linha de costa.

As figuras a seguir mostram também essa expansão no sentido oeste da Rua Principal, a primeira imagem é uma fotografia de meados da década de 90 (fig. 10a) ainda sem a presença das atuais moradias e outra imagem é uma fotografia de 2009 da mesma área (fig. 10b), nessa imagem é possível observar o adensamento atual da área.

---

<sup>4</sup> Até 1995 a Barra era de responsabilidade do governo estadual e era administrada pelo Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais (DEPREC) que realizava constantes vistorias. E desde 1996 é administrada pela Superintendência do Porto do Rio Grande (SUPRG) que não atua com o mesmo rigor que o antigo responsável.



Figura 10: (a) Fotografia da Rua Principal no final da década de Noventa e (b) fotografia da mesma área em 2009.

Fonte: João Dutra e autora.

É possível encontrar na localidade atualmente os seguintes serviços urbanos: Rede de energia elétrica domiciliar que atente o lugar desde a década de cinquenta; Rede de água potável que existe desde 1988; Coleta do lixo; Posto de saúde administrado pela prefeitura municipal e; Transporte coletivo.

### **3.1. Instituições de uso coletivo e infra-estrutura**

A descrição sobre a história de algumas instituições de uso coletivo existentes na Barra foi realizada com o objetivo de analisar se os moradores da Barra também participaram da formação de alguma dessas instituições. Essa parte do trabalho foi pesquisada com o intuito de comprovar o pertencimento dos mesmos com a localidade.

#### **3.1.1. As Escolas**

É possível encontrar na localidade duas escolas uma estadual de ensino fundamental e uma pré-escola municipal. Segundo Antunes (2007, p.32) aprender é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sócias existentes. Se o ato de aprender é facilitado quando há na própria localidade escolas voltadas para a realidade local. Essas escolas passam a ter um importante papel porque além de disponibilizar de um espaço físico para que ocorra a alfabetização da população local elas também possibilitam que os educandos ampliem seus conhecimentos com o objetivo de auxilia-los na sua inserção na sociedade e no mercado de trabalho.

[Digite texto]

### 3.1.2. Escola Estadual de Ensino Fundamental Saldanha da Gama

Essa instituição de ensino iniciou suas atividades no dia 02 de junho de 1934 com o nome de General Flores da Cunha, tendo como regente e única professora Maria Vizeu Pereira, que era filha do Engenheiro Álvaro Vizeu Pereira que morava na Barra e trabalhava para o DEPREC. O local para a instalação da escola foi em prédio cedido por este órgão que era dividido em duas peças onde apenas uma era utilizada como escola, em função do número reduzido de alunos. Em 15 de Dezembro de 1941, iniciou o funcionamento como Grupo Escolar da Barra.

Em 1947, Valter Sá Jobim que governou o Rio Grande do Sul de janeiro de 1947 até janeiro de 1951 pelo Partido Social Democrático (PSD) em visita a cidade do Rio Grande com sua esposa Ana Niederauer Jobim realizaram um coquetel beneficente (fig.11) para arrecadar fundos para a conclusão da construção de uma igreja na Barra e como o valor arrecadado foi superior a necessidade a Sra Ana Jobim repassou parte do dinheiro para a construção de um prédio para ser destinado à escola, pois as atuais instalações não comportavam mais o número de alunos .



Figura 11: Fotografia do coquetel realizado na década de quarenta para arrecadar fundos para a construção de Igreja e da Escola.

Fonte: Maria da Glória Maiato, moradora antiga da Barra e ex-diretora da escola Saldanha da Gama.

Na década de 70 através do Círculo de Pais e Mestres e por votação popular foi escolhido o nome atual da escola, Saldanha da Gama, como sugestão de um tenente da Marinha. Em 1975, a escola foi aumentada e recebeu mais quatro salas, um refeitório e banheiros junto ao prédio. Porém como a capacidade das seis salas de aula era reduzida para atender cerca de 300 alunos, das localidades da Barra, Barraquinha e Mangueira, alguns educandos tinham que estudavam em uma casa cedida pelo DEPREC.

Até o ano de 2000, a escola oferecia apenas até a 6ª série do ensino fundamental.

[Digite texto]

Isso provocou na comunidade um grau de escolaridade baixo, pois muitos estudantes que não tinham condições financeiras de se deslocar até outras escolas para conseguir concluir os estudos. Isso se comprova através de dados obtidos em MARTINS (2008), onde mais de 50% da população entrevistada possuíam o ensino fundamental incompleto.

Em 2009, a escola além do prédio central possuía dois anexos com cinco salas e dois banheiros, oferecendo o ensino fundamental regular e o ensino fundamental em Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno. A diretora era a professora Nádia Regina dos Santos Marques, a escola contava ainda com 29 professores e sete funcionários que integravam o quadro de recursos humanos, no atendimento de 600 alunos, distribuídos em três turnos. Segundo a diretora, a escola tem como objetivo a formação do aluno através de uma ação pedagógica contínua, visando formar uma consciência crítica para que este possa desenvolver suas potencialidades e participar da vida em sua comunidade e fora dela.

### **3.1.3. Escola Municipal de Educação Infantil Prof<sup>ª</sup> Maria da Graça Reyes**

Segundo o seu termo de abertura a escola surgiu em 13 de Setembro de 1993 com o nome de Núcleo de Recreação Infantil. Funcionava no salão paroquial da igreja Nossa Senhora da Paz em dois horários um pela manhã (das 8:00hs às 11:00hs) e outro pela tarde (das 14:00hs às 17:00hs). Duas professoras eram responsáveis em atender as 50 crianças, sendo que 23 eram de três e quatro anos e 27 de cinco e seis anos. O Núcleo era assessorado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC).

O Núcleo de Recreação Infantil da 4ª Secção da Barra passa a ser depois do Decreto de nº 7291/99 de 07 de maio de 1999, uma Escola municipal de educação infantil em que a primeira diretora foi a professora Delaci do Carmo da Rosa Cruz. Devido ao espaço que era utilizado pelas crianças no Salão paroquial não ser usado somente por elas houve a necessidade de buscar, neste mesmo ano, um outro local. Foi alugada pela prefeitura municipal uma casa situada na Rua 15, nº 110 onde a escola funcionou até o ano de 2002.

Em 15 de Agosto de 2002 com o nome de Escola Municipal de Educação Infantil Professora Maria da Graça Reyes começa a funcionar em seu atual prédio que foi construído na primeira gestão do prefeito Fabio Branco.

A Escola Municipal de Educação Infantil Professora Maria da Graça Reyes

[Digite texto]

segundo o projeto político pedagógico está instalada em um prédio de alvenaria, recentemente construído, possui sala de secretaria e direção, três salas de aula, refeitório, cozinha, despensa, sala de atividades múltiplas e banheiros apropriados para crianças, inclusive deficientes físicos. Seu pátio é amplo, com uma pracinha com brinquedos e um tanque de areia. Há água potável e energia elétrica. Os setores de limpeza e merenda são terceirizados pela mantenedora. Seu corpo docente é constituído por oito professores, regentes de classe, todos com formação pedagógica superior. Eles atendem a três turmas de nível I e II, nos turnos da tarde e manhã, respectivamente. Atualmente a escola atende a 104 alunos, sendo que 46 com quatro anos e pelo turno da tarde e 58 com cinco e seis anos no turno da manhã.

A escola realiza reuniões pedagógicas quinzenalmente para pensar e traçar metas e procedimentos necessários para dinamização do currículo escolar. Os setores pedagógicos, de merenda e o de limpeza trabalham integrados e atualmente a diretora é a professora Clara Lia Souto Soldera.

Segundo seus documentos a instituição de ensino tem como princípios norteadores de suas atividades a criatividade, o respeito, a ética, o amor, a interação, a ação e a cooperação. Tem como objetivo geral proporcionar um ambiente agradável, para a formação da criança, desenvolvendo-a nas áreas cognitiva, psicomotora e afetiva, para que se torne um cidadão consciente e integrado na vida social.

### 3.2. A Igreja da Barra – Nossa Senhora da Paz

Em oito de outubro de 1945 iniciou-se uma campanha promovida pela Colônia de Pesca, por alguns membros da colônia portuguesa e por moradores da Barra para a construção de uma igreja. O dinheiro para a construção da igreja foi doado por diversas indústrias, como Torquato Pontes, Furtado & Dourado e Wigg, por embarcações (parelhas) e por um coquetel beneficente, que já foi mencionado anteriormente. Os donativos das embarcações correspondiam a ¼ de parte, enquanto as indústrias não possuíam um valor definido. Abaixo uma lista com o nome das empresas que fizeram alguma doação para construção da Igreja Nossa Senhora da Paz (Quadro 1).

Quadro 1: Quadro com o nome das indústrias que doaram para a construção da igreja.

<b>Indústrias e Comércio</b>	<b>Valor doado</b>
Indústrias Reunidas Leal Santos S.A.	Cr\$2.000,00
Torquato Pontes & Cia	Cr\$3.000,00

[Digite texto]

Cunha e Amaral & Cia Ltda	Cr\$1.000,00
Luiz Lorea & Cia Ltda	Cr\$500,00
Anselmi & Cia	Cr\$100,00
Francisco Gallo	Cr\$200,00
Furtado e Dourado	Cr\$100,00
Bromberg Sociedade Anônima	Cr\$100,00
Wigg & Cia. Ltda	Cr\$100,00
Mendes Abreu & Cia. Ltda	Cr\$50,00
Vaz Dias & Figueiredo	Cr\$20,00
Cedric W. Schimidt	Cr\$50,00
José da Silva & Irmão	Cr\$50,00
Companhia de Charutos Poock	Cr\$50,00
Pinto & Oliveira	Cr\$50,00
Moveis Canuso	Cr\$50,00
Cadaval & Cia	Cr\$50,00
Machado & Cia	Cr\$50,00
Wilson, Sons & Co. Limited	Cr\$50,00
Esquina da Sorte ( Jornais)	Cr\$10,00
Timm & Cia. Ltda	Cr\$20,00
Carvalho Barcellos Salva & Cia. Ltda	Cr\$10,00
Abdalla Nader	Cr\$500,00

Fonte: 1º Livro ata da Igreja Nossa Srª da Paz

No dia 21 de Abril de 1946 foi feito a colocação da pedra fundamental da Igreja de Nossa Senhora da Paz. Na época a Barra era o segundo distrito de Rio Grande e estavam presentes várias autoridades e representantes da imprensa, indústrias e comércio. A primeira colher de argamassa foi colocada pelo prefeito de Rio Grande na época o Eng. Miguel da Costa Moreira. Após a cerimônia a Banda de música da Brigada Militar executou o Hino Nacional que foi cantado por todos, segundo a ata de nº3 do primeiro livro da referida paróquia. A figura 12 é uma fotografia da construção da Igreja Nossa Senhora da Paz.



Figura 12: Fotografia da construção da Igreja no ano de 1946.

Fonte: 1º Livro ata da Igreja Nossa Srª da Paz.

[Digite texto]

Alguns empregados do DEPREC faziam parte da mão-de-obra utilizada na construção. O Eng. Alfredo Vizeu Pereira, conhecido popularmente na Barra como Dr. Pereira, que era o responsável do DEPREC no local foi quem sugeriu o nome da padroeira e quem doou a imagem. As demais imagens foram doadas, na sua grande maioria, por famílias de portugueses que moravam na Barra.

Atualmente, a Igreja realiza dois festejos na localidade: a festa da padroeira, Nossa Senhora da Paz realizado no mês de janeiro e a festividade em comemoração a São Pedro o padroeiro da cidade e dos pescadores no mês de junho. Em ambas as festa é possível observar a fé e a alegria dos moradores em missas, procissões, bailes e almoços com a tradicional anchova na brasa ou com churrasco. Em 2001, foi construído de um ginásio para ser usado pela comunidade para a prática de esportes e também para a realização de comemorações religiosas ou não.

### **3.3. Associação de Futebol Clube Mirim**

O A.F.C. Mirim foi fundado em 30 de setembro de 1972 por dois moradores da Barra, os senhores Joel dos Santos Mourão e Marino Gomes. O nome de Mirim foi adotado porque os primeiros times eram formados apenas por crianças. E as cores foram escolhidas porque um dos fundadores era torcedor do Sport Club Internacional de Porto Alegre.



Figura 13: Fotografia dos jogadores do Mirim na década de 80 no pátio localizado na frente da antiga sede.

Fonte Antonio Amorim

Até a década de noventa o time disputava amistosos apenas em seu próprio campo e em campos de times adversário, mas não competia em nenhum campeonato. O

[Digite texto]

primeiro título veio em 1992 com a conquista do título de campeão do Culturão<sup>5</sup>. Em 1995, deste mesmo campeonato amador se tornou bi-campeão. Em 1998, foi realizado 15ºCulturão e o Mirim conquistou o tri-campeonato e se tornou o último campeão deste evento. Nesta mesma década a torcida do Mirim se destacava. Além de serem muito numerosos eram muito animados. Os torcedores chegavam aos jogos em caminhões lotados de mulheres, homens e crianças todos moradores da Barra. Em todos os finais de semana que tinham jogos pelo Culturão no Cassino era comum ver os torcedores do Mirim se deslocarem em direção ao Balneário, todos muito animados para torcer pelo seu time do coração. A tradicional charanga tocava e as torcedoras, cantavam para incentivar o time ou tentar intimidar os adversários. Dentre as rimas que cantavam uma muito tradicional era “*Vermelho e branco sinal de guerra o meu Mirim faz tremer a terra*”.

Os bailes que realizados em sua sede eram conhecidos em diversos lugares do município, visto que as pessoas se deslocavam até a Barra para frequentar tal local. Atualmente esta sede se encontra em precário estado de conservação e este tipo de atividade não ocorre mais a cerca de dez anos, infelizmente, pois era uma das poucas opções de lazer que tinham os moradores dessa localidade.

Em 2000, com o seu time principal foi campeão amador da cidade do Rio Grande e também vice-campeão com a categoria de base deste mesmo campeonato. Em 2004 foi campeão do 4º Pinherão que foi um campeonato de veteranos de futebol de campo que ocorreu no Balneário Cassino. E é o campeão da categoria para atletas com mais de 40 anos da Liga de Veteranos do Rio Grande, título que conquistou no dia 28 de novembro de 2009.

#### **3.4. Associação Esportiva e Cultural Real Madrid**

O Real Madrid foi fundado em 20 de Novembro de 1993 com sede na 4ª Secção da Barra. Segundo o seu estatuto a instituição é uma sociedade civil com finalidade desportiva, recreativa e cultural, tendo sua atividade principal à prática do futebol. As cores do Real Madrid eram o preto, vermelho e o branco sendo o pavilhão em branco trazendo ao centro um leão.

O Real Madrid participou de campeonatos como o Culturão no Cassino na década de noventa e consagrou-se campeão em 1996 em um jogo contra o seu maior

---

<sup>5</sup> Campeonato amador realizado no campo do Cassino Futebol Clube localizado no Balneário Cassino – Rio Grande, em que compareciam cerca de 1500 pessoas por jogo.

rival o Mirim (fig. 14). Entre este time e o Mirim sempre houve uma grande rivalidade, pois ambos disputavam os mesmos campeonatos e o fato de serem ambos da Barra acentuava a rivalidade entre os dois times. O Real também foi campeão em 2006 da III Copa Cassino/Jornal Agora, campeonato similar ao antigo “Culturão”.



Figura 14: Imagem da entrega do troféu de campeão do Culturão de 1996 ao então presidente Renato Gonçalves.  
Fonte: Utalis Estabel.

O Real Madrid alterou a sua nomenclatura e suas cores em 2007, passando a ser denominado de Associação Esportiva e Cultural Real e com as cores azul e branco sendo o amarelo a terceira cor. Em 2008, a Associação Esportiva Real foi campeão da Copa Jornal Agora na categoria Sub-21 em um jogo realizado no campo do Esporte Clube Rio Grande.

O clube ainda não possui uma sede nem um campo. Foca as suas atividades nas categorias de base e realiza através da diretoria um projeto na Barra denominado de “Escolinha Real”. O projeto tem como objetivo proporcionar uma opção de lazer e recreação para as crianças em um ambiente saudável. A Escolinha Real atende a aproximadamente 150 crianças e jovens de sete a 15 anos tendo o coordenador Utalis Peres Estabel, que é formado pelo Sindicato de treinadores profissionais e é um dos fundadores do Real Madrid. A escolinha tem como atividades o futsal e o futebol que são realizadas no Ginásio da Igreja Nossa Sr<sup>a</sup> da Paz. A meta é poder oferecer mais atividades como reforço escolar, artesanato, artes marciais e noções sobre o meio-

ambiente. Porém o projeto ainda necessita de recursos financeiros, uma área própria para a prática do esporte, de material esportivo e de voluntários.

### **3.5. Escola de Samba Unidos da Furiosa**

A Escola de Samba Unidos da Furiosa foi fundada em 24 de Setembro de 1988, por Malgrair S. do Nascimento, Júlio César Sá, José da Mata, Rodolfo Silva e Élide Nascimento todos moradores da Barra. Antes da Furiosa existiam na Barra duas outras escolas de samba o Tamandaré e o Última Hora, ambas encerraram suas atividades praticamente ao mesmo tempo e os antigos foliões não conseguiam aceitar isso. Foi então que decidiram criar a Unidos da Furiosa. No início, a Furiosa era apenas uma Charanga que percorria as ruas da localidade com o objetivo de não passar em branco o carnaval da Barra. O primeiro desfile ocorreu em fevereiro de 1989 (fig. 15). Segundo o presidente/fundador Malgrair S. do Nascimento a Furiosa também participava do carnaval do Balneário Cassino. Como charanga, o grupo desfilaria até o ano de 1996.



Figura15: Fotografia do primeiro desfile realizado pela escola na Barra no ano de 1989.

Fonte: Malgrair Nascimento.

Uma boneca gigante se tornou o símbolo da entidade, foi essa personagem a responsável por dar nome e personalidade à escola (JORNAL AGORA, 09-fev-2009, p.6). O nome Furiosa, segundo um dos fundadores, foi escolhido porque a ideia é que ela passasse a impressão de que ao entrar na avenida ela seria a fúria da passarela. Suas cores são o verde e o rosa, pois um dos fundadores fez uma homenagem a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira.

[Digite texto]

No ano de 1996 a entidade participou do carnaval oficial do Rio Grande como convidada. No ano seguinte concorreu na categoria Grupo II (atualmente grupo de acesso) ficando na 3ª colocação. Conquistou quatro vezes o 1º lugar do Grupo de Acesso, isso ocorreu nos anos de 1998, 2004, 2006 e 2009. A escola esteve duas vezes no Grupo Especial, em 2005 por falta de componentes foi rebaixada para o Grupo de acesso e em 2007 conquistou o 3º lugar permanecendo neste grupo. Porém no ano seguinte, por motivos internos a escola não desfilou e assim voltou para o Grupo de acesso.

No carnaval de 2009, a Furiosa da Barra, como é popularmente chamada, voltou ao Sambódromo municipal com o samba enredo “Porcelana – 20 anos de Paixão” em homenagem aos vinte anos de sua fundação trazendo quatro temas que marcaram sua trajetória nos carnavais de Rio Grande e se tornou campeã (fig.16). Segundo o presidente da escola, o sr. Malgrair do Nascimento (Nenê) o que foi apresentado na avenida foi um samba de comemoração, em homenagem aos 20 anos de uma escola que é acolhida por toda a sua comunidade (JORNAL AGORA, 09-02-2009, p.6). Neste carnaval, a Furiosa foi para avenida com, aproximadamente, 200 componentes número bem maior que o de quando começou, pois eram apenas 22 integrantes da charanga.



Figura 16: Fotografia da Furiosa desfilando no carnaval de 2009.  
Fonte: autora em 02/2009.

Em 2009 a escola possuía uma diretoria com nove integrantes e um conselho fiscal composto por três pessoas. Sua diretoria realiza bingos beneficentes em sua sede situada na Rua 21 na Barra com o objetivo de arrecadar fundos para a confecção das fantasias para o próximo carnaval, pois grande parte delas é fornecida gratuitamente para a comunidade da Barra, visto que a maioria dos componentes são moradores do

[Digite texto]



designação de área ocupada com fins residenciais e industriais e esta situada também ao sul da Base Naval até a área de administração e manejo ambiental, porém com frente para a Av. Maximiano da Fonseca (fig. 18).



Figura 18: Mapa da zona portuária: superporto, modificado pela autora.

Fonte: Plano de zoneamento das áreas do porto organizado de Rio Grande. Disponível em <<http://www.portoriogrande.com.br>> e acessado em 10/11/2009.

Segundo o Projeto Lagoa dos Patos (MADUREIRA e HABIAGA, 1888/1989) elaborado pela Universidade federal do Rio Grande (FURG), a categoria mais adequada a ser utilizada para a área seria a de “área de preservação”, pois este é um local de significativa expressão ecológica, devendo ficar livre de qualquer desenvolvimento. Conforme este documento deve haver uma conscientização por parte das comunidades locais e das instituições, no sentido de orientar o uso do solo na região, impedindo possíveis danos ao meio ambiente e ao homem que nele vive. Mas quando este projeto foi realizado em 1988/89 e já havia na Barra uma quantidade significativa de habitante e o ambiente natural já estava bastante modificado.

Uma breve análise dos planos e/ou projetos citados, aponta para a conclusão que não basta apenas criar denominações e classificações, ou seja, criar normas e regras, muitas delas abstratas, que tem pouco a ver com a realidade local e com o cotidiano das localidades. Acredita-se que organizar o espaço não significa apenas criar leis, obrigações e restrições, pois isso se mostra insuficiente. Deve-se buscar, principalmente, meios que melhorem a qualidade de vida da população residente através de melhoramentos em infra estrutura, na qualidade do ensino empregado nas escolas locais, capacitação das população de baixa renda através de cursos profissionalizantes na própria localidade e acesso adequado a serviços de saúde.

A Barra, com já foi mencionado anteriormente, é conhecida por ser uma comunidade de pescadores, porém nenhum desses planos e projetos realiza qualquer

[Digite texto]

planejamento para o futuro ou delimita áreas destinadas a atividade pesqueira que ainda é uma importante fonte de renda para a população local. Apenas a SUPRG enviou uma proposta para o IBAMA em Brasília para a construção de um pólo pesqueiro na Barra. Segundo um representante desse órgão, no local será possível a atracação de cerca de 60 embarcações pesqueiras. Infelizmente não foi possível o acesso ao projeto, pois segundo ele, é proibida, a devido a trâmites legais, a divulgação do documento sem a aprovação do projeto pelo órgão competente. A seguir será explicitado alguns aspectos com relação a atividade pesqueira, os trabalhadores envolvidos nessa atividade e a relação dos moradores da Barra com o mar.

## **5. A PESCA, OS PESCADORES DA BARRA E SUA RELAÇÃO COM O MAR**

Os moradores da Barra possuem uma relação intensa com o mar. Porque além de fornecer o alimento e o sustento de muitas pessoas que ali moram, o mar proporciona lazer através das pescarias nos trapiches e por meio do banho de mar. Dos trapiches situados na Barra é possível observar a localidade da 5ª Secção da Barra em São José do Norte, os navios e as embarcações pesqueiras entrando ou saído do canal (fig. 19)



Figura 19: Trapiche da Barra com pescadores e as embarcações ancoradas no canal em um dia de ventos fortes.

Fonte: autora em 10/10/2009

A Prainha (fig. 20) situada próximo ao início dos Molhes e de frente para o canal é muito frequentada pelos moradores, pois é de acesso fácil e os veículos não circulam

[Digite texto]

na beira da praia. O local, antigamente, também era frequentado por pessoas do centro da cidade do Rio Grande que se deslocavam até lá para apreciar um sossegado banho de mar porque local possui características de lagoa.



Figura 20: Fotos da Prainha.

Fonte: autora em 10/10/2009

O Brasil possui um extenso litoral, cenário onde ocorrem múltiplas mudanças e onde existem milhares de famílias vivendo dentre outras formas da pesca. Conforme relatos de moradores antigos a Barra desde a sua origem sempre despertou o interesse por causa da grande quantidade de peixe que era possível de ser encontrada nas proximidades do lugar. Alguns destes primeiros habitantes vieram em busca deste alimento e fonte de renda tão abundante na região. Por causa dele também vieram cerca de dez famílias de Portugal, alguns fugindo da II Grande Guerra Mundial e outros em busca de melhores condições de vida. Portanto os primeiros pescadores eram oriundos de Portugal, Santa Catarina e São José do Norte.

Esses pescadores construíram suas casas na beira do canal e utilizavam para a captura do pescado grandes canoas, primeiramente a vela e depois a motor, chamadas de parselhas. Tinham como principais safras a da tainha, do camarão e da corvina, mas também pescavam outras espécies como o bagre. Praticavam a pesca dentro do canal e também se aventuravam fora da barra. Ao falar das pescarias no passado os pescadores nesta localidade sempre mencionam a abundância de peixe existente naquelas águas. Por isso o passado é visto como um período de fartura de peixe.

A canoa de pranchão (fig. 21) é reconhecida como o primeiro modelo de embarcação tradicional propriamente desenvolvido no Rio Grande. Seu casco era construído com pranchões de cedro de duas polegadas de espessura, falquejados a enxó e fixados uns aos outros com pregos e cavilhas sobre um esparso cavername com três a

[Digite texto]

cinco cavernas mestras, construído preferencialmente de grápia ou angico (Tomaschewski, 13-jun-2009, p.7). Em seu velame as canoas apresentavam três velas – o foque, o traquete e a mezena – tingidas com a tintura roxa extraída da casca da capororoca, um pequeno arbusto típico da região estuarina.



Figura 21: Fotografia de uma canoa de pranchão muito utilizada na Barra em meados do século XX. Seu proprietário era Manoel Ferreira Maiato (primeiro da direita) um dos primeiros moradores da Barra. Fonte: Eduardo Ferreira Maiato.

As velas, conhecidas como “pano poveiro”, eram trapezoidais com verga, excelentes para os ventos da região. Foram os pescadores portugueses que os trouxeram da Póvoa de Varzim e as adaptaram à realidade do estuário. Ainda para vencer as correntezas da entrada da barra durante o regime de vazantes, nas atracções e deslocamentos pelos canais sem a presença de vento, os pescadores empregavam geralmente quatro remos.

Com capacidade de carga entre uma e dez toneladas, as canoas de pranchão foram utilizadas na pesca do estuário e área oceânica costeira adjacente ao longo de todo o século XIX e até meados do século XX, quando pouco a pouco foram sendo substituídas por outros modelos de embarcações. Em meados da década de 50, surgiram os primeiros botes há motor (fig. 22). O primeiro motor era chamado de “motor penta” que era de origem sueca.



Figura 22: Fotografia de 1957 de uma canoa utilizada na pescaria na região do canal e adjacências, esta canoa primeiro foi à vela e remo e depois a motor. A canoa “Sempre se fez” pertenceu ao senhor Américo Santos. A primeira criança da esquerda é o senhor Carlos Alberto Santos, conhecido como Tuca.

Fonte: Carlos Alberto Santos.

Segundo relato de um pescador que atualmente está aposentado, mas que pescou durante muitos anos, seu pai foi um dos primeiros habitantes da Barra, era originário da Pólvoa do Varzim em Portugal e chegou a ter sete embarcações. Eles pescavam o camarão com rede de arrastão de 70 braças presa em dois calões e a tainha era pescada com uma rede chamada de terno de costa que possuía 110 braças. Além dessas duas espécies eles também pescavam o cação, bagre, corvina, peixe-rei e anchova.

Além das pescarias realizadas com o auxílio de embarcações era comum na Barra a pescaria de linha nos Molhes realizada tanto por pecadores da própria localidade como também de outros locais que vinham e acampavam nos terrenos ampos das casas na Barra. Pescavam utilizando linhas e caniços e muitas vezes passavam até a noite toda realizando esta atividade. Na figura 23 esse tipo de acampamento esta demonstrado e todos os peixes expostos, segundo o relato de uma antiga moradora, eram frutos de uma única noite de pescaria nos Molhes.



Figura 23: Fotografia da década de 60, mostrando o acampamento e os peixes que eram frutos de uma única noite de pescaria nos Molhes.

Foto Edi Nascimento

Em 2009 foi possível se observar na Barra dois tipos de pescadores os artesanais e os industriais, ou seja, a pesca na Barra pode ser classificada em duas categorias: artesanal e industrial conforme a embarcação utilizada. Isso se comprova através dos diferentes tipos de embarcações encontradas atracadas nos trapiches locais. Essa diversidade pode ocorrer porque a Barra está localizada estrategicamente na desembocadura do Estuário da Lagoa dos Patos o que possibilita atividade pesqueira na zona costeira oceânica.

Considera-se pesca artesanal toda a desenvolvida em águas interiores, estuarinas e costeiras com embarcações de menos de 20 t de registro bruto (HAIMOVICI et al., 2006). As pescarias artesanais encontram-se na categoria de pescarias de pequena escala, explorando muitos dos estoques capturados por pescarias comerciais (BERKS, 2006, p.30). Porém de todas as pescarias são as que têm maior biodiversidade de espécies, porque usam artes de pesca pouco seletivas e que capturam uma variedade grande de espécies. Em Rio Grande isso ocorre também porque este tipo de pescaria é realizada, principalmente, no estuário da Lagoa dos Patos que é um ambiente mixohalino, formado por águas que circulam entre a barra do Rio grande e as proximidades da Ilha da Feitoria. Este ambiente dinâmico é extremamente favorável para a reprodução de uma grande variedade de espécies passíveis de captura.

A pesca artesanal se caracteriza com atividade principal ou secundária podendo alternar ou completar a pesca com quaisquer outras atividades econômicas, o pescador pode trabalhar por conta própria ou em regime de economia familiar, pago pelo sistema de *partes* e sem um mínimo fixo garantido. Em relação à quantidade de proeiros pode

[Digite texto]

variar de um a quatro dependendo do tamanho da embarcação. Os principais tipos de embarcações de pesca artesanal existentes na Barra são o caíco e o bote com ou sem casaria<sup>6</sup>. A pesca artesanal na Barra tem como finalidade a captura de Camarão-rosa<sup>7</sup>, Tainha, Corvina, Bagre e Viola. Utilizando na pescaria à rede de emalhe (bomboio), feiticeira e arrasto de prancha.

A pesca industrial é aquela desenvolvida em águas marinhas, costeiras e oceânicas com embarcações com mais de 20 t de registro bruto (HAIMOVICI et al., 2006). Segundo Berks (2006, p. 28), essas pescarias são altamente mecanizadas, usam barcos grandes e equipamentos com tecnologia sofisticada, muitas vezes com processamento a bordo. As pescarias comerciais de grande escala geralmente exploram grandes estoques de espécies amplamente distribuídas em áreas produtivas. Esse tipo de pescaria desembarca uma grande porção do pescado do mundo de um número relativamente pequeno de espécies.

Nas unidades de trabalho de características industriais vigoram as relações contratuais baseadas no salário fixo semanal ou mensal ou ainda na participação das tripulações na produção (MALDONADO, 1986, p.26). Na pesca realizada pelos barcos de malha ainda é possível ver alguns parentescos. Já no tipo de pescaria realizada pelas traineiras os laços de parentesco não ocorrem com tanta assiduidade, às relações são indiferentes, há um distanciamento por parte dos pescadores com relação aos processos decisórios relativos à pesca e, praticamente, esses trabalhadores só participam da captura eles não decidem, por exemplo, para quem o pescado será vendido, isso fica a cargo do mestre ou do proprietário da embarcação.

A pesca industrial que é praticada por pescadores da Barra ou que apenas utilizam os trapiches locais para atracar é realizada por barco de malha que é uma embarcação que realiza a pesca costeira na plataforma do Rio grande do Sul. E utiliza para a captura do pescado redes de emalhar de espera (rede de fundo) e redes de arrasto de porta, essa em conjunto com outra embarcação também chamado de parêlha. Esse tipo de pescaria captura uma diversidade de espécies entre elas estão a Castanha,

---

<sup>6</sup> Caíco: é um pequeno bote sem motor, a remo e de convés aberto utilizado na pesca dentro do estuário da Lagoa dos Patos que possui um tamanho menor que cinco metros;

Bote: embarcação artesanal motorizada com tamanho entre cinco e doze metros que é utilizado na pesca de emalhe de peixes e no arrasto do camarão no estuário da Lagoa dos Patos e região costeira adjacente.

Casaria: pequena construção de madeira dentro da embarcação utilizada para proteger o pescador enquanto navega, enquanto dorme e também contra intempéries que por ventura ele possa sofrer enquanto pesca.

<sup>7</sup> Para a captura do camarão-rosa os pescadores da Barra não costumam utilizar com arte de pesca o saquinho ou aviãozinho.

Abrótea, Corvina, Anchova , Pescada-olhuda, Pescadinha, Papa-terra e Savelha. Esse tipo de barco utiliza de 8 a 12 proeiros/tripulantes que variam de acordo com o tamanho da embarcação.

Outro tipo de pesca industrial é a do tipo Traineira que são embarcação de pesca de cerco com casco de madeira ou de aço que capturam o pescado na plataforma continental do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro. Dentre as espécies que pescam destaca-se a Anchova, Corvina e Tainha. Esse tipo de embarcação utiliza uma tripulação de 15 a 20 pescadores e possuem uma quantidade significativa de equipamentos eletrônicos

Com relação aos pescadores existentes na Barra se observa uma superioridade com relação ao número de pescadores industriais com relação aos artesanais. Segundo Martins (2008), existem na Barra 174 pescadores industriais, 58 artesanais e 40 pescadores indefinidos ou desembarcados. Isso pode ser um reflexo da localização da área ou do fato de que os pescadores indústrias trabalham em embarcações com uma capacidade arqueação bruta superior as embarcações artesanais. Por consequência desse fator alguns pescadores acreditam serem melhores remunerados na pesca industrial.

Ao longo dos anos diferentes fatores como sobrepesca, as condições de trabalho e novas oportunidades de emprego podem ter contribuindo para a diminuição no número de pescadores, pois atualmente não é mais tão significativa a quantidade desses trabalhadores na localidade. Porém, a atividade pesqueira ainda exerce uma influência sobre o pequeno comércio local por causa do elevado número de trabalhadores que realizam algum tipo de serviço em depósitos de pesca e comércios, ou seja, realizam alguma atividade ligada a pesca, que devido a informalidade não pode ser contabilizada.

Ao longo dos anos a diminuição dos recursos pesqueiros vem sendo sentida pelos pescadores e fatores como a sobrepesca, as condições de trabalho, condições financeiras, podem ter contribuindo para a diminuição no número de pescadores da Barra. Isso pode ser comprovado através de levantamento feito no local onde se constatou que uma quantidade significativa deles optaram por mudar de profissão (gráf. 1) assim como alguns filhos de pescadores que não seguiram a profissão dos pais.

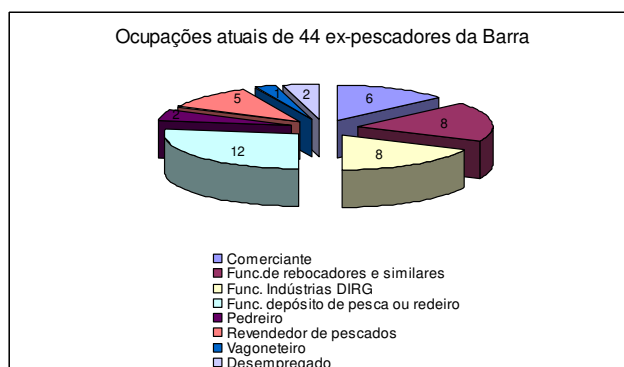


Gráfico 1: Atual ocupação de alguns ex-pescadores.  
 Fonte: Levantamento realizado pela autora.

Dentre os 44 ex-pescadores entrevistados, 23 (comerciante, revendedor de pescado e func. depósito de pesca), ou seja, mais de 50% continuaram trabalhando na própria localidade, apenas mudaram o modo de adquirir a renda. Porém Os comerciantes ainda continuam dependendo da pesca porque quando o período é de abundância de peixe, a movimentação comercial é mais intenso. No caso dos funcionários de depósitos de pesca e revendedores de pescados a dependência é ainda maior, pois dependem dos desembarques da pesca artesanal e industrial.

Quantificar o numero de pescadores existentes na Barra e em qual tipo de pesca eles estavam inseridos foi uma das dificuldades encontradas para a realização deste trabalho, visto que a quantidade de pescadores variava conforme a fonte de dados (gráf.2).

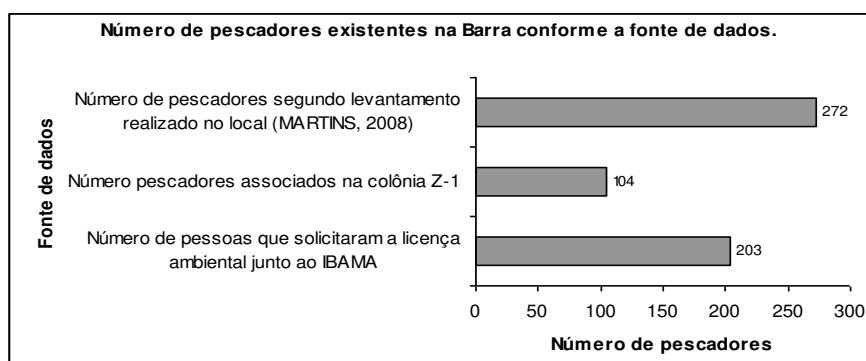


Gráfico 2: Número de pescadores existentes na Barra conforme a fonte de dados.  
 Fonte dos dados: Martins (2008), Colônia de Pescadores Z-1 e IBAMA - Rio Grande.

Os números encontrados variavam consideravelmente conforme a sua origem. Em Martins (2008) o número de pessoas que se intitularam pescadores, entre homens e mulheres foi num total de 272<sup>8</sup> pessoas. Já com relação aos dados buscados na Colônia

<sup>8</sup> Nesse total não foram considerados pescadores desembarcados e os que não foi possível constatar a que tipo de pescaria pertenciam, pois não foi mencionado em MARTINS (2008) a embarcação que trabalhavam.

de pescadores (Z-1) de Rio Grande e o número de associados desta entidade é aproximadamente de 100 pescadores (as). E por último foram solicitados ao Escritório regional do IBAMA os nomes de todas as pessoas que moram na Barra e que realizaram em diferentes anos o pedido de licença ambiental e este número está perto de 200 pessoas.

O que podemos concluir com relação a divergência numérica encontrada é que as pessoas que não são pescadores(as), mas que em virtude de alguns programas governamentais necessitam de algumas documentações que só os pescadores deveriam ter acabam por somar-se indevidamente a esses trabalhadores. Um exemplo disso é o requerimento de licença ambiental junto ao IBAMA, pois algumas pessoas que realizam este pedido não pescam efetivamente, mas fazem a solicitação porque este documento é exigido para as pessoas que realizam o pedido de Seguro-defeso<sup>9</sup>. Atualmente este documento não será mais exigido para as mulheres que não pescam, mas que dependem da pesca por serem casadas com pescadores artesanais, portanto esse número tende a diminuir.

Para proporcionar objetividade ao trabalho serão utilizados, preferencialmente, os dados de MARTINS (2008) por ser este resultado de um levantamento realizado no local. Atualmente a população da Barra não é mais formada apenas por pescadores e suas famílias, pois das aproximadamente três mil pessoas que moram na localidade cerca de 330 se intitulam pescadores. Porém não podemos deixar de mencionar as pessoas que trabalham nos depósitos de atravessadores locais fazendo a descarga ou o beneficiamento do pescado e do crustáceo. Essas são atividades realizadas pelos moradores da Barra que necessitam de uma renda que pode ser extra ou a única fonte de dinheiro. O “agáxe” é uma expressão popularmente conhecida na localidade de estudo para denominar o trabalho realizado na descarga de embarcações pesqueiras. A remuneração ocorre conforme o local (barco ou depósito) e pode ser feita através de diárias ou por barco descarregado. O valor varia de 25 reais até 100 reais, conforme a quantidade de peixe desembarcado e o local.

Com relação ao beneficiamento do camarão, propriamente dito, é realizado pelas mulheres que precisam ajudar o marido com as despesas da casa ou sustentam sozinhas suas próprias famílias. A remuneração, neste caso, ocorre por produção, ou seja, por quilo de camarão descascado, geralmente é pago o valor de um real por quilo

---

<sup>9</sup> Seguro-desemprego que o pescador artesanal tem direito no período do defeso.

beneficiado. Embora a vigilância sanitária não permita essa prática em domicílios residências que não possuam uma estrutura mínima, como por exemplo, local para colocação de resíduos (cabeça e cascas) bem arejados e com revestimento interno nas paredes e no chão, mas devido à falta de fiscalização essa é uma prática comum na localidade.

Por esses motivos é que a pesca exerce ainda uma grande influência sobre o pequeno comércio local, visto que em períodos de abundância de pescado o dinheiro circula pelos trinta bares, mini mercados e padarias do lugar e é possível observar um ambiente, extremamente, alegre bem diferente dos períodos de falta de peixe (BARCELOS, 2003).

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar dos problemas encontrados na localidade a população da Barra gosta muito de morar no lugar. Em entrevista com alguns dos moradores mais antigos<sup>10</sup> foi questionado: Porque gosta de morar na Barra? E a resposta de todos os entrevistados foi praticamente à mesma. Segundo eles o local é tranquilo e agradável, além disso, possuem familiares no local e uma relação de amizade com os vizinhos. Outro fato que foi mencionado por essas pessoas é que eles não se mudaram para outro lugar não por falta de opção mais sim porque nunca tiveram interesse de sair da Barra.

Isso indica um pertencimento entre os moradores e a localidade, constituindo um lugar. Aqui o conceito de lugar é entendido no sentido do pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido, como proposta por Tuan (1983), que se aproxima da concepção que no lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história dos seus habitantes. O que se observa na 4ª Secção da Barra é que os moradores se sentem pertencentes a esta localidade porque se identificam com o lugar no sentido de que a sua história está extremamente imbricada com a história do lugar e, portanto se sentem sujeitos e responsáveis pela localidade, que se torna lugar.

Constatou-se também que alguns moradores possuem uma identidade com o lugar. Não só porque moram há vários anos, mas também por terem contribuído para a formação da localidade através da participação na criação de diversas instituições de uso coletivo como, por exemplo, a escola e a igreja.

---

<sup>10</sup> Foram entrevistados 6 moradores que possuem mais de 60 anos de idade e de tempo de residência na Barra.

Dentre os resultados alcançados com o trabalho esta a preservação de parte da história de uma localidade do município de Rio Grande que agora esta parcialmente documentada. Outro resultado adquirido através do estudo é a documentação de informações locais ameaçados pela reorganização dos espaços ditada pelos avanços da economia urbano/industrial/portuária.

Tem-se nas palavras e nas imagens do trabalho, a mescla de imaginações, observações e pensamentos que compõem o universo científico e o conhecimento tradicional passado de geração para geração. Todavia, considera-se na construção do conhecimento científico, providencial e essencial a esses objetivos, coisas além da racionalidade lógica da própria concepção dominante de ciência.

No trabalho as imagens foram parceiras das palavras, pois, ambas deram sentido e significado as nossas imaginações e aos nossos conhecimentos. Não é possível falar sobre a Barra e a sua história sem as imagens que tanto nos cativam, nos ensinam e nos mostram que o progresso e as transformações também influenciaram na sua formação, mas sem que a sua população perde-se a sua simplicidade no modo de vida e a identidade com o lugar. Portanto observação, imaginação e pensamento são características do ato humano de conhecer. Isso nos leva a desvendar enigma e a desconsiderar a fronteira do tempo.

## 7. REFERÊNCIAS

BARCELOS, J. R. M. *Educação ambiental na Vila da Barra, Rio Grande, RS: uma análise de representações sociais em uma comunidade de pescadores artesanais*. Rio Grande: FURG, 2003 (dissertação de mestrado em Educação Ambiental).

BERKES, F.; MAHON, R.; MCCONNEY, P.; POLLNAC, R. [et al.] *Gestão da pesca de pequena escala: diretrizes e métodos alternativos*. Ed. Furg, Rio Grande, 2006.

COSTA, A. L. (org). *Nas redes da pesca artesanal*. Brasília, Ibama, 2007.

DIEGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses, trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Etnográfica*, Vol. III (2), 1999, p. 361-375. Disponível em <[http://www.marsol.ufba.br/twiki/pub/MarSol/ItemAcervo46/Vol\\_iii\\_N2\\_361-376.pdf](http://www.marsol.ufba.br/twiki/pub/MarSol/ItemAcervo46/Vol_iii_N2_361-376.pdf)> Acessado em 15/11/2009.

DOMINGUES, M. R. *Superporto de Rio Grande: plano e realidade. Elementos para uma discussão*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Geografia, UFRJ, 1995 (.

GARCIA, A. S. Indústria Leal Santos: Trajetória histórica. In: ALVES, F. N. (org). *Indústria e Comércio na cidade do Rio Grande: estudos Históricos*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2001, p.57-84.

[Digite texto]

HAIMOVICI, M. [ et al.]. *Diagnóstico da pesca no litoral do estado do Rio Grande do Sul. In ISSAC, Victoria Judith... [et al.] (orgs). A pesca marinha e estuarina do Brasil no início do século XXI: Recursos, tecnologias aspectos socioeconômicos e institucionais.* Belém: Universidade Federal do Pará, 2006, p.157-180.

MADUREIRA, Maria Saint Pastous & HABIAGA, Lydia A. *Projeto Lagoa dos Patos. Subprojeto: Organização do habitat dos pescadores.* Relatório anual (Ano II), vol. 3. Rio Grande, FURG, 1988/89.

MALDONADO, S. C. *Pescadores do Mar.* São Paulo/SP: Editora Ática S.A, 1986.

\_\_\_\_\_. *Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima.* 2 ed. São Paulo: Annablume, 1994.

\_\_\_\_\_. A caminho das pedras: percepção e utilização do espaço na pesca simples. In: Diegues, A.C. (ed) *Imagem das águas.* São Paulo: Hucitec, 2000, p. 59-68.

MARTINS, C. A. Á. *Nas águas da Lagoa há Reprodução da Vida: pesca artesanal no estuário da Lagoa dos Patos - Rio Grande (RS).* S.Paulo: USP. 1997. (Dissertação de mestrado em Geografia Humana).

\_\_\_\_\_. *Indústria da Pesca no Brasil: o uso do território por empresas de enlatamento de pescado.* Florianópolis: UFSC, 2006 (Tese de Doutorado em Geografia).

\_\_\_\_\_ (org). *Relatório Final do Levantamento Socioeconômico nas áreas de Expansão Portuária – Barra Velha.* Rio Grande: Núcleo de Análises Urbanas-FURG, 2008.

MARTINS, S F.. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990).* Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2006.

SAINT-HILLAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821.* Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1974.

SALVATORI, E; HABIAGA, L. A.G. P; THORMANN, M.C. Crescimento horizontal da cidade do Rio Grande. *Revista Brasileira de Geografia,* Rio de Janeiro, 51(1): 27-72, jan./mar. 1989.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.* 4. ed. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SUERTEGARAY, Dirce M. Espaço Geográfico uno e múltiplo. *Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales,* nº93, Universidad de Barcelona, 15 de Julho de 2001.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.* São Paulo: Difel, 1983.

## JORNAIS

CALDERIA, Mônica. *Rio Grande perde parte de seu patrimônio portuário.* Jornal Agora. Rio Grande /RS. 16 de ago. de 2008, p. 4.

CALDEIRA, Mônica. *Associação aponta melhorias e faz reivindicações.* Jornal Agora, Rio Grande, 10-Jan-2006, Agora Bairros, p.7.

LA ROCHA, José Henrique. *Povoação da Barra é um local agradável.* Jornal Agora, Rio Grande, 23/24-Jan-1999, Agora Bairros.

*Furiosa festeja na Avenida seus 20 anos de paixão.* Jornal Agora, Rio Grande, 09-Fev-2009, Agora na folia, p.6.

[Digite texto]

LA ROCHA, José Henrique. *Melhoramentos surgem na Barra por iniciativa dos moradores*. Jornal Agora, Rio Grande, 13 e 14-Nov-1999, Agora Bairros, p.1.

LA ROCHA, José Henrique. Barra pede melhorias na rede de luz e continua aguardando construção de canaleta. Jornal Agora, Rio Grande, 08-Jul-2003, Agora Bairros, p.3.

TOMASCHEWSKI, Jarbas. *Canoa centenária é repassada a Museu Náutico*. Diário Popular, Rio Grande, 13-jun-2009, Memória, p.7.